

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRODUÇÃO DE SENTIDO ACIONADOS PELO GÊNERO DISCURSIVO *BODE GAIATO*

Autor: Prof^a. Dr^a. Iara Ferreira de Melo Martins

Co-autor: Nágida Maria da Silva Paiva

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

Resumo: Na relação dialógica e interacional do discurso proferido, o uso da linguagem é determinante para o sucesso ou insucesso do sujeito. Nos muitos estudos da linguagem, um evento se aproxima desta teoria, a Variação Linguística. Em geral, em sala de aula, a variação é tratada na concepção do “certo” e do “errado” ficando evidente a ideologia de uma língua homogênea que favorece uma parte em detrimento da coletividade. Assim, entendendo que a escola tem por função social promover a reflexão e a formação cidadã, e a sala de aula é o ambiente que favorece esse processo, este trabalho tem por finalidade apresentar uma proposta didática de caráter sociocomunicativo voltada para a Variação Linguística e com foco na produção de sentido. Portanto, nosso objetivo é abordar o ensino da Variação Linguística a partir de uma prática significativa com o meme “Bode Gaiato”. Nesse entendimento, desenvolvemos nossa pesquisa à luz de teóricos como Bakhtin (1997), Alkmin (2001), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2008), Xavier (2005), entre outros. Baseando-nos, especialmente, na Sociolinguística Variacionista por acreditarmos que a Variação Linguística deva ser estudada nas aulas de Língua Portuguesa a partir de algo que faça parte do universo dos alunos, oportunizando um estudo mais consciente e reflexivo dos eventos de Variação. O estudo aponta para a necessidade de propor uma alternativa para o uso da Variação Linguística numa transposição didática para a produção de sentido que permita ao aluno refletir sobre suas práticas de linguagem a partir da construção de sentidos que subjazem no gênero analisado.

Palavras-chave: Variação Linguística, Gênero Discursivo, Bode Gaiato.

Introdução

Teóricos, estudiosos, professores de Língua Portuguesa, além de documentos norteadores como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), as Orientações Curriculares convergem num ponto crucial para o ensino da nossa língua em sala de aula: esta prática deve ser efetivada a partir de textos diversos. Visto que um ensino fragmentado, descontextualizado que prioriza aspectos conteudistas da língua está, naturalmente, distante da realidade social dos educandos, e portanto, fadado ao fracasso.

Este trabalho tem, como objetivo precípuo, lançar mão da discussão de uma proposta de trabalho que possa suscitar a reflexão dos usos que se faz da língua e, colocando em destaque a Variação Linguística. Além de se fazer emergir, na tessitura do gênero discursivo “Bode Gaiato”, a produção de sentido que resulta dos elementos linguísticos presentes neste gênero. Sendo assim,

este trabalho tem o interesse de propor alternativa (s) para a reflexão e ensino da variação linguística nas aulas de língua portuguesa por meio do *meme* ‘Bode Gaiato’.

Este artigo é constituído, além do resumo e desta introdução, de três tópicos. No primeiro, apresentamos algumas considerações acerca do evento Variação Linguística, contextualizando o tema nas aulas de língua portuguesa partindo de uma perspectiva tradicional para uma perspectiva sociocomunicativa. Para tanto, servimo-nos de alguns teóricos que tratam da prática docente, em especial, o ensino de gramática e o tratamento dado ao tema variação. No segundo tópico, abordamos a concepção de gênero discursivo aplicando ao estudo do *meme* “Bode Gaiato”. Por fim, no terceiro tópico, traçamos alternativas para o efetivo ensino da variação linguística e produção de sentido acionados pelo gênero em destaque.

1. Variação Linguística: um estudo reflexivo dos usos da língua

É imperativo um trabalho em que se busque levar ao alunado situações de aprendizagem contextualizadas, rompendo com o modelo tradicional de cunho metalinguístico. Vislumbrando, pois, uma transposição didática – promover uma ressignificação do que é ensinado e propiciar a inclusão do aluno na sociedade.

Baseando-se, portanto, nos documentos oficiais a fim de subsidiar nosso propósito, atentemos para o que tratam os PCN (1997, 31) sobre o uso efetivo da língua por meio de situações reais.

Se o objetivo principal do trabalho de análise e reflexão sobre a língua é imprimir maior qualidade ao uso da linguagem, as situações didáticas devem, principalmente nos primeiros ciclos, centrar-se na atividade epilinguística, na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação, como caminho para tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção linguística [...] O lugar natural na sala de aula, para esse tipo de prática parece ser a reflexão sobre textos reais.

Dessa forma, apresentamos uma proposta de trabalho que possa suscitar a reflexão dos usos que se faz da língua e, colocamos em destaque a Variação Linguística. Um tema ainda abordado de forma incipiente nas aulas de Língua Portuguesa, conforme postula Bortoni-Ricardo (2016, p. 2):

[...] na questão educacional, é preciso ponderar que somente algumas regras variáveis, já estudadas nesse campo da Linguística, são identificadas pelos professores do ensino básico. Quase sempre são aquelas que recebem maior sanção social e estão referidas pelos autores mais conservadores, aparecendo em livros didáticos. Não se pode esquecer, contudo, que a sociedade brasileira valoriza muito a chamada correção gramatical, tradicionalmente valorizada pela intelligentsia nacional.

Nessa perspectiva, nosso foco é a reflexão consciente da linguagem, analisando a produção de sentidos que emerge no gênero “Bode Gaiato” a fim de dotar nossos alunos de elementos que propiciem a compreensão, o domínio e o reconhecimento de uma identidade linguística sociocultural.

Infelizmente, na contramão desse pensamento, os livros de Língua Portuguesa, baseados no ensino metalinguístico da língua, priorizando a gramática normativa, definem os fenômenos e eventos de fala/escrita ali estudados como “certos” e “errados” (ANTUNES, 2003). Reforçando, assim, um parâmetro pejorativo que privilegia uma parte em detrimento do todo. Tal ideologia é representada ao tratar do tema variação: os livros didáticos apresentam exemplos do personagem Chico Bento, do escritor Maurício de Sousa, como representação do falar rural; e ainda, sugerem a reescrita da fala do personagem, pois a mesma é definida como errada (BAGNO, 2007)

A fim de minimizar os entraves no estudo da língua, tomamos como arcabouço teórico do nosso trabalho a Sociolinguística Variacionista, concebendo a linguagem como um processo de interação social.

Pretendemos, pois, suscitar reflexões e propor o ensino da variação de forma mais próxima dos alunos, a partir de algo significativo para eles, já que “é pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens” [...] logo, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra”. (ALKMIN, 2001, p. 28)

É fato que para a aplicação em sala de aula de qualquer conteúdo programático, o livro didático é um instrumento importante para a condução do processo ensino-aprendizagem, quando muitas vezes o único e, assim, determinante nas aulas.

O ensino da Variação Linguística é uma realidade. Mas que práticas são adotadas para esse estudo? Podemos, portanto, criar expectativas para uma nova abordagem do tema nos livros didáticos?

Nesta dinâmica, em se tratando de Variação Linguística, consideramos que houve um avanço didático-pedagógico e dos Livros Didáticos de Língua Portuguesa, já que estes precisam se moldar a critérios avaliativos, como descritos no próprio PNL D, 2017, p. 14:

Espera-se que as coleções construam propostas didático-pedagógicas que propiciem o desenvolvimento das capacidades e formas discursivas relacionadas aos **usos da linguagem oral**, próprios das situações formais e/ou públicas, assim como possam vivenciar outras situações de uso da linguagem oral e refletir a respeito. É imperativo, portanto, que a escola abra suas portas para refletir, valorizar e efetivamente trabalhar a variação e a

heterogeneidade linguísticas, situando nessa perspectiva o tratamento didático dado às normas urbanas de prestígio.

No decorrer do texto é notória a preocupação de que o Livro Didático de Língua Portuguesa garanta ao estudante “o desenvolvimento da compreensão da variação linguística e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de forma a evitar o preconceito e valorizar as diferentes possibilidades de expressão linguística;”. (PNLD,2017, p. 17)

Entendemos, assim, a observância do governo federal quanto à ampliação, aprimoramento e aplicação de conceitos linguísticos numa perspectiva sociolinguística, aproximando-se das ideias de linguagem como meio de interação social.

Embora seja evidente a orientação de se ensinar o conteúdo Variação Linguística numa abordagem Sociolinguística, não é isto que verificamos nos livros didáticos trabalhados nas escolas públicas. Em seus estudos sobre Variação Linguística, Faraco (2015, p. 20) ratifica este pensamento quando afirma que:

Os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema, no mais das vezes limitado à apresentação, algo folclorizada, da variação geográfica ou um tanto quanto estereotipada das falas rurais. Os livros didáticos deixam de fora a variação social que é, de fato, a verdadeira questão a ser enfrentada, já que é ela que serve de critério para os gestos de discriminação dos falantes e de violência simbólica.

Em meio a este imbróglio, estamos nós, professores, seguindo os livros didáticos, conscientes da incipiência do conteúdo, mas diante de uma sociedade que equivocadamente questiona o ensino da língua portuguesa nas salas de aula. É comum escutarmos os discursos de que “professor não ensina português – meu filho não estuda verbo, substantivo, crase”. A respeito dessa problemática, Neves (2000, p.52) postula que:

A escola tem a obrigação, sim, de manter o cuidado com a adequação social do produto linguístico de seus alunos, isto é, tem de garantir que seu alunos entendam que têm de adequar registros e ela tem de garantir que eles tenham condições de mover-se nos diferentes padrões de tensão e de frouxidão, em conformidade com as situações de produção.

Fica claro, portanto, que está nas mãos dos professores uma mudança de atitude. Cabe ao professor oportunizar aos alunos esta reflexão sobre o uso da língua e sua diversidade linguística, a fim de minimizar as diferenças de ordem linguística nas escolas.

2. A construção de sentido a partir de uma prática significativa

É fato que o ensino da língua pautado em gêneros discursivos deve ser uma constante nas salas de aula já que nesta perspectiva evidenciam-se as práticas sociais de linguagem – atividades de leitura (produção de sentidos), escrita e análise linguística. Outrossim, a prática do ensino a partir dos gêneros deve ser encarado como elemento necessário para aprendizagem pois:

[...] a aquisição de linguagem se dá a partir da produção de sentidos em textos situados em contextos de interação específicos e não da palavra isolada; ocorre, portanto, do macro para o micro. [...] O isolamento de unidades mínimas – que é parte da competência gramatical – é um procedimento de análise e que só tem razão se retornar ao nível macro: na escola, analisar o uso de determinada palavra num texto só tem sentido se isso trazer alguma contribuição à compreensão do funcionamento da linguagem e, portanto, se auxiliar a formação ampla dos falantes. (MENDONÇA, 2006, P. 203)

Nesse sentido, urge a necessidade de permitir que o discente possa refletir acerca do que é apr(e)endido e utilizar tais conhecimentos em situações diversas de comunicação, pois, sabendo-se que a escola é um espaço de disseminação de informações, esta tem a função específica de proporcionar aos indivíduos que a frequentam o acesso ao conhecimento sistematizado que é acumulado historicamente.

Para a produção de sentido em seu discurso, o indivíduo faz uso de mecanismos extralinguísticos como conhecimento do assunto, consciência do meio em que está inserido, finalidade, entre outros fatores. Assim, esta prática pode se dar de forma clara, objetiva ou ficar no plano dos subentendidos, dos implícitos, da rede discursiva que permite construir um novo sentido a partir da noção dialógica com que se relaciona.

Aqueles que atuam como interlocutores no processo comunicativo são indivíduos constituídos de fatores que definem, caracterizam seu discurso. Nesse entendimento, fatores relacionados à historicidade, ao espaço geográfico, valores culturais, sociais, crenças etc tecem uma rede de informação e conhecimento que fundamentam sua respectiva ideologia. Assim, este evento é permeado, numa condição *sine qua non*, de ideologias, haja vista que não existe discurso neutro ou dissociado de intenção comunicativa nas mais diversas situações.

No âmbito da leitura, em consonância com a concepção interacional (dialógica) da língua, Koch e Elias (2006, p. 11) postulam que

... o **sentido** de um texto é **construído na interação texto-sujeitos** e não algo que preexistia a essa interação. A **leitura** é, pois, uma **atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos

presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Assim, a leitura como atividade de produção de sentido requer do leitor bem mais do que o domínio da estrutura linguística de um texto. A produção de sentido será realizada efetivamente se o sujeito-leitor acionar elementos constitutivos da sua esfera extralinguística e sociocomunicativa.

3. De “Chico Bento” ao *Bode Gaiato*

Em se tratando de variação linguística e produção de sentido, é pertinente propor uma transposição didática de caráter epilinguístico, desconstruindo o pensamento equivocado de “erro” e “acerto” da língua – focado na metalinguagem –, e implementado o estudo reflexivo dos usos da língua. Visto que:

Um dos principais problemas que encontramos nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais “correto”, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação. (BAGNO, 2007, p.120)

Desenvolve-se, portanto, a ideia do “certo” e do “errado”, segregando os falantes de uma variedade que não se enquadra à norma-padrão definida pelo grupo de maior prestígio linguístico/social.

Destarte, dada à característica da dinamicidade da língua, isto é, estar sempre em movimento, transformação e adequação à demanda/necessidade do indivíduo de se comunicar nas mais diversas situações que surgem, fica clara a construção de um gênero discursivo que atenda a esta demanda/necessidade. Gêneros discursivos são o uso da linguagem, respeitando formas-padrão do ato comunicativo. Apresentamos, portanto o *meme* “Bode Gaiato” como forma de atender a determinada demanda/necessidade. Assim, o gênero em evidência oportuniza a referida transposição didática pois realiza, enquanto gênero discursivo, a interação verbal bem como a construção de sentido, permitindo ao aluno ser sujeito ativo no processo de comunicação e de aprendizagem.

A respeito do gênero discursivo *meme* “Bode Gaiato”, atentando para o suporte onde este gênero circula, Xavier (2005, p. 8) pontua que:

Essa variação de suportes vai ampliar a experiência de leitura destes aprendizes que são privilegiados por viverem esse momento de transição do papel (análogo) para a tela (digital), no qual experimentam a simultaneidade de semioses e vivenciam a clipagem das linguagens.

Bode Gaiato é a representação da cultura nordestina – neste espaço virtual identificamos de forma emblemática representações metafóricas dos costumes, hábitos e linguagem de um grupo social: o povo nordestino. As imagens e os textos escritos carregados de humor se completam para a produção de sentido dos discursos proferidos; esta combinação se dá por imagens de personagens (corpo de gente e cabeça de caprino - animal típico da região nordeste) que experimentam e vivenciam situações do cotidiano do homem desta região, e por uma linguagem marcada por traços de oralidade, traços estes que caracterizam o falar dos sujeitos do meio onde estão inseridos – ressaltando a Variação Linguística.

FIGURA 1 - Superstição



Fonte: Imagem disponível em www.google.com.br/imagens.

A superstição é a marca deste meme, uma situação bem comum na nossa região, a relação entre a chinela e o bem estar da mãe, que possivelmente não será compreendida em outras regiões do país. Linguisticamente, o “pá” ao invés de para. Quanto à construção de sentido, atentemos para o cuidado de Junin para com a mãe e logo em seguida, o medo de apanhar. Qual a relação com as primeiras palavras de Junin?

FIGURA 2 – Relações sociais entre mãe e filho



Fonte: Imagem disponível em www.google.com.br/imagens.

Junin conversa com a mãe Dona Zefinha, num primeiro momento lhe é negado o pedido com a afirmação da mãe “Você num é todo mundo” e, no segundo momento, com o mesmo argumento Junin rebate a mãe quando questionado por que não a ajuda nas tarefas domésticas. Temos então, a relação social mãe e filho; o argumento utilizado por ambos é característico nestes contextos. Observamos, ainda, marcas da variedade nordestina como “oxe” e “mainha” – retomando aspectos linguísticos. Quanto à produção de sentido podemos explorar o discurso “não ser todo mundo” proferido por ambos, questionando a intenção destes.

Como alternativa para o estudo da Variação Linguística em sala de aula, apresentamos um modelo de atividade que acreditamos ser significativa para o aluno:

FIGURA 3



Fonte: Imagem disponível em www.google.com.br/imagens.

APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME “BODE GAIATO” É ENGRAÇADO? POR QUÊ?
2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.
3. VOCÊ SE IDENTIFICA COM JUNIO? DE QUE FORMA?
4. IMAGINE QUE ESTE DIÁLOGO OCORRA EM OUTRA REGIÃO, TERIA O MESMO SENTIDO? JUSTIFIQUE.
5. RECONSTRUA O DIÁLOGO EM OUTRO CONTEXTO. PENSE NOS RECURSOS E ELEMENTOS LINGUÍSTICOS UTILIZADOS PARA MARCAR OS FALARES DE OUTRAS REGIÕES.

Tais questionamentos têm por finalidade suscitar a discussão do tema variação linguística com o gênero discursivo “Bode Gaiato” a partir dos aspectos linguísticos e socioculturais presentes no gênero.

Conclusões

Registramos, portanto, a nossa intenção de, a partir do trabalho com o *meme* “Bode Gaiato” - ressaltando o aspecto valorativo do gênero discursivo e construção de sentido - destacar uma referência positiva nos alunos no que diz respeito à sua identidade linguística e cultural, favorecendo o empoderamento – sentindo-se sujeitos do meio em que vivem.

É possível uma mudança de foco no estudo da variação linguística com o gênero em destaque visto que este está muito próximo dos alunos e exatamente desse falar singular, dessa linguagem própria que emerge a produção de sentido nos textos. Pois os leitores reconhecem-se nos ambientes apresentados, nos contextos e situações criadas nos *memes*. Ou seja, é um estudo significativo, seguindo o pensamento da transposição didática, centrado no epilinguístico.

Referências

ALKMIN, T. Sociolinguística. In: F. MUSSALIM; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Bastidores dos estudos da variação linguística no Brasil**. 2016. Disponível em: <www.parabolaeditorial.com.br/blog/entry/bastidores-dos-estudos-da-variacao-linguistica-no-brasil/dez.2016>. Acesso em: 13 dez. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino **fundamental**: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **PNLD 2017**: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2016.

KOCH, I. V. ELIAS, V. M. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. 2º edição. São Paulo: Contexto, 2006.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (organização); KLEIMAN, A. B. ... [et al.]. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NEVES, M. H. de M. A gramática: conhecimento e ensino. In: AZEREDO, J. C. de (Org.) **Língua Portuguesa em debate – conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 52-73

XAVIER. Reflexões em torno da escrita dos novos gêneros digitais na internet. **Revista Investigações**, n.2, 2005. ISSN: 2175-294X.